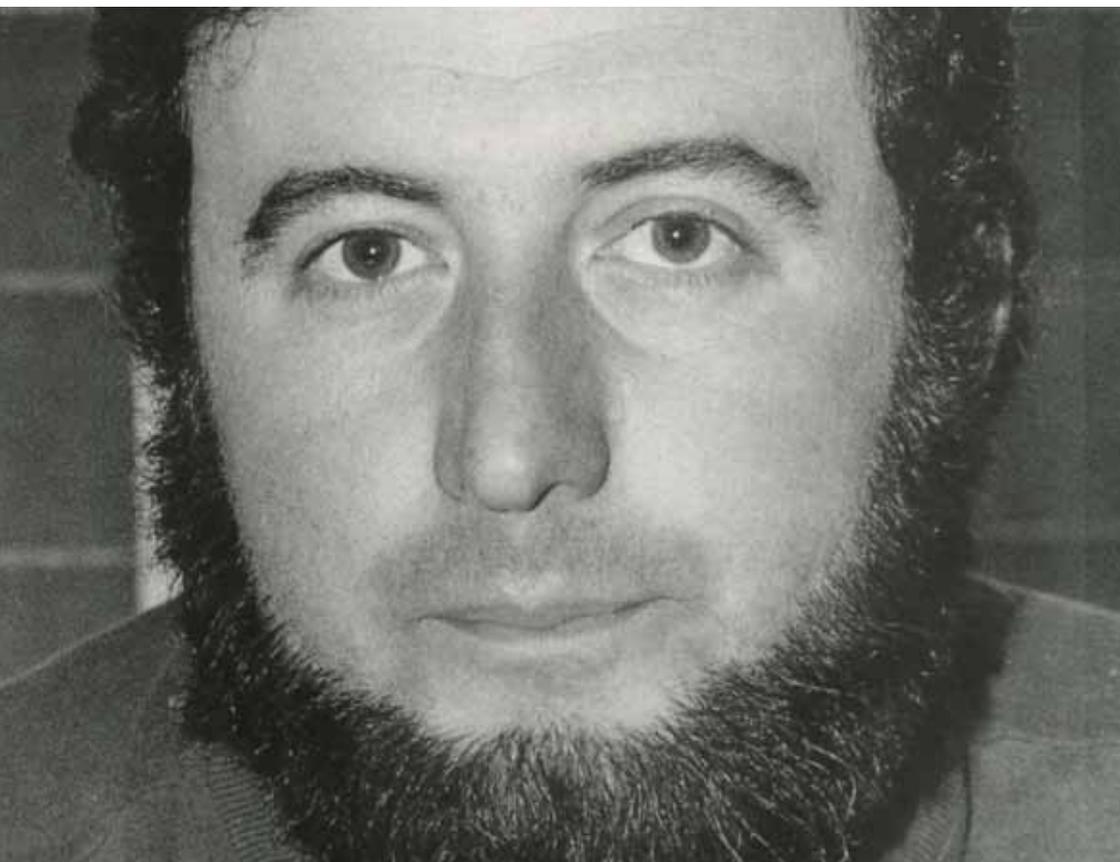


ADRIANO CORREIA DE OLIVEIRA

Músico
1942-1982



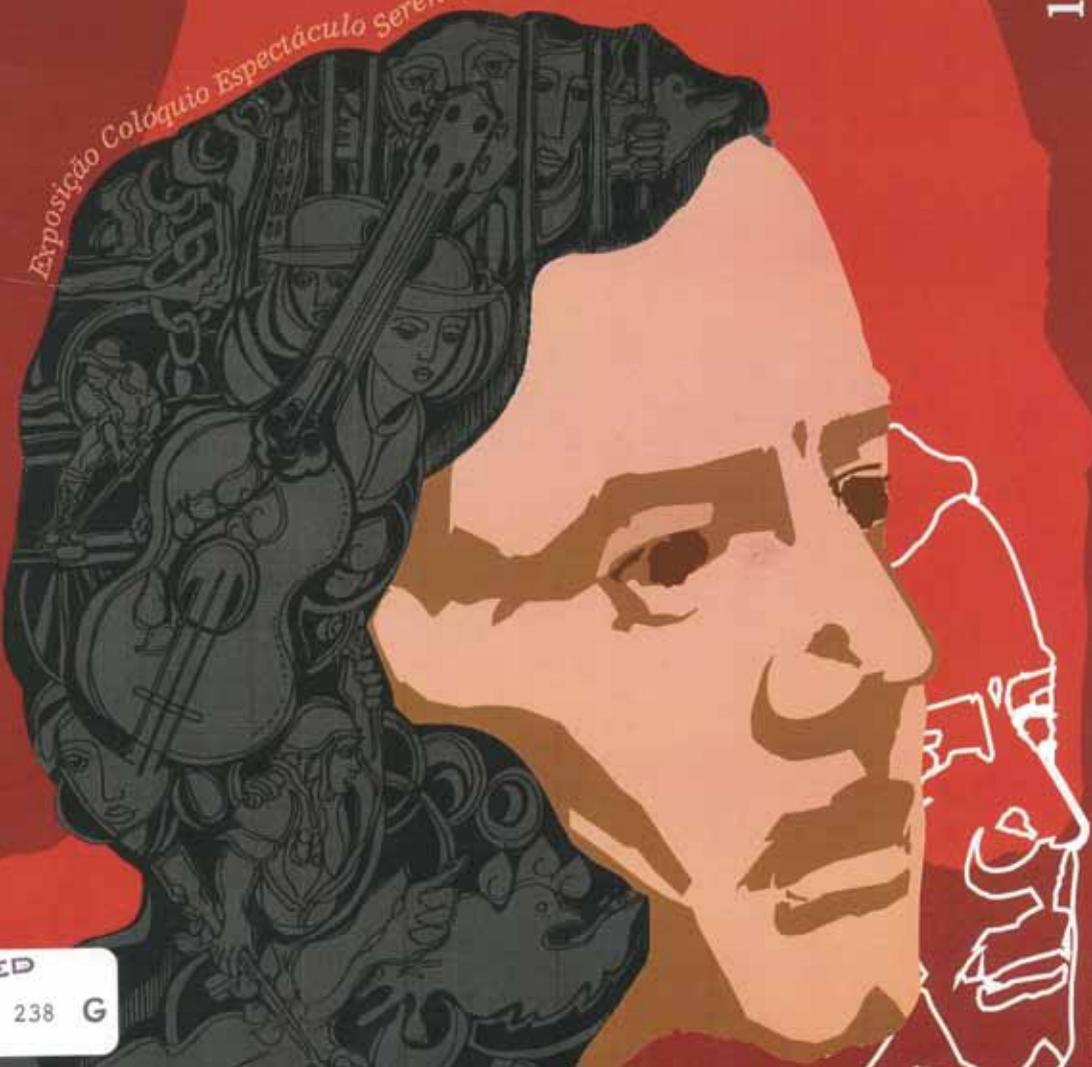
COMISSÃO MUNICIPAL DE TOPONÍMIA
Setembro 2016

HÁ SEMPRE ALGUÉM QUE RESISTE

Lembrar **ADRIANO**
25 Anos | 25 Canções

Exposição Colóquio Espectáculo serenata

16_20 Outubro '07



Adriano Correia de Oliveira foi uma figura incontornável do universo da música popular portuguesa, distinguindo-se pela força interventiva que imprimia às suas composições e pela excelência com que adaptava à sua música a voz dos poetas do seu tempo.

As suas músicas tornaram-se autênticos hinos à liberdade e deram origem à canção de protesto contra a repressão do Estado Novo, granjeando reconhecimento internacional.

A Câmara Municipal de Lisboa presta assim a sua homenagem a este cantautor perpetuando o seu nome numa rua da cidade.

Lisboa, setembro de 2016

Catarina Vaz Pinto

Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa



Na juventude



ADRIANO CORREIA DE OLIVEIRA

Adriano Maria Correia Gomes de Oliveira foi um compositor e intérprete notável da música popular portuguesa e um participante ativo, antes e após o 25 de Abril de 1974, na construção do Portugal livre e democrático.

Adriano nasceu no Porto, na Rua Formosa, a 9 de abril de 1942. Poucos meses após o seu nascimento a família mudou-se para a Quinta das Porcas, em Vila Nova de Gaia, freguesia de Avintes, terra em que frequentou a instrução primária. A esta quinta debruçada sobre o Douro, chamava afetuosamente o sítio mais bonito do mundo, revisitando-a sempre que possível na companhia de familiares e amigos. Desde cedo que a música ocupou um lugar central no seu percurso de vida. Aos quinze anos foi o fundador do conjunto popular da União Académica de Avintes, onde cantava e tocava viola elétrica. A sua ligação pessoal à associação manteve-se ao longo do tempo, com ela colaborando mesmo quando já era um artista consagrado.

Adriano frequentou o liceu Alexandre Herculano no Porto. Era um jovem de espírito aberto e que facilmente fazia amizades. Participava simultaneamente em várias atividades, fossem elas culturais, como a música e o teatro, ou desportivas, revelando-se na Briosa um hábil jogador de voleibol, desporto que continuou a praticar ao longo da sua vida académica.

Em 1959 iniciou o Curso de Direito na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Não chegou a terminar o curso, faltando-lhe apenas a aprovação numa disciplina, tendo sido entretanto chamado a cumprir o Serviço Militar Obrigatório.

Em Coimbra participava simultaneamente em várias atividades, fossem elas culturais (como a música e o teatro), ou desportivas, reve-



lando-se na “Briosa” (Associação Académica de Coimbra) um hábil jogador de voleibol, desporto que continuou a praticar ao longo da sua vida académica.

A sua dedicação às atividades culturais não esmorecia. Em 1961 ingressou no Orfeão Académico de Coimbra como primeiro-tenor. Foi solista no orfeão e no Grupo Universitário de Danças Regionais da Associação Académica de Coimbra. O teatro também o cativou,

tendo-se estreado como ator amador ainda em Avintes. Mas foi no Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC) que se revelou, tendo participado em várias peças e digressões pelo país e estrangeiro.

Mas a sua “profissão dominante”, como diria Fernando Assis Pacheco ¹, era, inevitavelmente, a música. Em Coimbra teve a oportunidade de se afirmar como compositor e intérprete na companhia de José Niza, Daniel Proença de Carvalho e Rui Ressurreição, para além de guitarrista no Conjunto Ligeiro da Tuna Académica. Neste período começou a privar com alguns dos músicos e intérpretes que pelo seu talento fomentaram a divulgação do fado de Coimbra, entre muitos outros José Afonso ² e António Portugal.

Adriano tornar-se-ia rapidamente uma figura incontornável no seio desses grupos de jovens compositores e intérpretes que imprimiram um novo fôlego a esse género musical, ficando famosas as suas trovas tal como as baladas de José Afonso.

De realçar que o fado coimbrão viria a associar-se à vida académica e aos movimentos de contestação estudantil ao regime, estando na origem da canção de protesto, que conheceu um extraordinário desenvolvimento nos últimos anos da década de 60.

Adriano, na sua estadia em Coimbra na primeira metade da década de 60, foi ainda membro da politizada república *Ráste Parta* e candidato à Associação Académica de Coimbra numa lista apoiada pelo MUD ³. As manifestações estudantis repetiam-se, ganhando força nos Dias do Estudante de 1960/61 e na Crise Académica desencadeada pela sua proibição em 1962, culminando nesse ano com o “Luto académico”, que levaria à demissão do reitor da Universidade de Lisboa, Marcelo Caetano, e a uma vaga repressiva do regime do

(1) Fernando Assis Pacheco tem Rua em Lisboa desde a publicação do Edital de 09/02/1999.

(2) A Rua José Afonso existe em Lisboa desde a publicação do Edital de 09/12/1988.

(3) O MUD era o Movimento de Unidade Democrática, uma organização política de oposição ao regime salazarista formada em 8 de outubro de 1945.

Estado Novo contra a juventude progressista. Seguir-se-ia o assalto à Associação Académica de Coimbra onde foram registadas mais de 1500 prisões.

Para a história do movimento estudantil ficou a estreia da música emblemática de Adriano, “Trova do Vento que Passa”, numa festa de receção ao caloiro na Faculdade de Medicina de Lisboa. A sala estava repleta forçando Adriano a repetir várias vezes a canção, o que motivou os estudantes a saírem para a rua a cantá-la em coro.

“Trova do Vento que Passa” tem letra de Manuel Alegre e música de António Portugal, tendo contado ainda com a participação de José Afonso e Rui Pato. Rapidamente esta música ganhou o estatuto de hino do movimento anti fascista em geral e do movimento estudantil em particular, sobretudo após a sua edição em disco em 1963.

Adriano Correia de Oliveira dedicou-se à interpretação e composição das suas músicas cedendo as palavras aos poetas da sua geração, tais como António Cabral, António Ferreira Guedes, Luís Andrade ou Urbano Tavares Rodrigues. Após o lançamento do seu primeiro EP Noite de Coimbra, foi nesse espírito que surgiu em 1963 o primeiro longa-duração do cantor, *Fados de Coimbra*, o qual incluía “Trova do Vento que Passa”.

Em 1966, ano em que veio residir para Lisboa, Adriano Correia de Oliveira casou com Maria Matilde de Lemos de Figueiredo Leite, de quem teve dois filhos, Isabel, em 1967 (ano em que foi incorporado no exército em Mafra e em que saiu o LP *Adriano Correia de Oliveira*), e José Manuel, em 1971. Após o cumprimento do serviço militar o cantor trabalhou no gabinete de imprensa da Feira Industrial de Lisboa.

Entre 1968 e 1971 o seu trabalho musical foi profícuo. Fez editar três álbuns exclusivamente com letras de Manuel Alegre, *O Canto E As Armas*, *Cantaremos* e em conjunto com José Niza, *Gente D’Aqui E De Agora*, que incluía na contracapa um poema de Fernando Assis Pacheco.



Elementos da União Académica de Avintes



Cantando a Liberdade



Obra artística de Smile. Foto: DMC/DPC/José Vicente, 2016

A partir de 1971 começou a frequentar e a cantar regularmente em coletividades e associações, popularizando a sua música. No entanto, a edição de novas composições sofreria um hiato de quatro anos pois o cantor recusar-se-ia a submeter o seu trabalho à Comissão de Censura. O álbum *Que Nunca Mais*, editado em 1975, estava pronto em data anterior a 25 de Abril de 1974. Este registo valeu ao cantor o título de “Artista do Ano”, atribuído pela revista britânica *Music Week*. Adriano Correia de Oliveira foi militante do Partido Comunista Português desde 1960. Após a revolução de Abril, empenhou-se ativamente na educação cultural e política das populações, integrando as campanhas de Dinamização Cultural do Movimento das Forças

Armadas (MFA), cantando em comícios de várias organizações e associações e participando na criação do *Colectivo de Acção Cultural* (CAC), em 1974, e da Cooperativa Cantar Abril, em 1979, associada a músicos do Partido Comunista Português.

O músico entrou em desacordo com a direção da Cooperativa Cantar Abril e foi afastado. Uma das alegações da cooperativa foi a inadaptação de Adriano à perspetiva mercantilista do mercado discográfico, o que o terá levado a uma crise financeira. Neste conflito o artista contou com a solidariedade de amigos e companheiros de longa data, caso de José Afonso, Luís Cília ou Fausto Bordalo Dias.

Em 1980 participou no 10º Aniversário da CGTP-IN, no Coliseu dos Recreios, juntamente com José Afonso, o catalão Pi de la Serra, o uruguaio Quintin Cabrera, Sérgio Godinho, Carlos Mendes, Paco Bandeira, Paulo de Carvalho, Luísa Bastos e José Mário Branco, grupo de cantores que foi apelidado “Os 10 Magníficos”.

Nesse mesmo ano lançou o seu último álbum, *Cantigas Portuguesas*, e teve lugar o seu último espetáculo, numa escola em Mondim de



Coliseu dos Recreios, março de 1974

Da esquerda para a direita: Barata Moura, Vitorino, José Jorge Letria, Manuel Freire, Fausto, Zeca Afonso, Adriano



Obra artística de Smile. Foto: DMC/DPC/José Vicente, 2016

Basto no âmbito de um encontro do Partido Comunista. Adriano Correia de Oliveira morreu em Avintes, em 1982, vítima de um acidente vascular esofágico.

A sua obra completa viria a ser editada pela Movieplay, em 2001, em 7 CDs, acompanhados por um livro com as letras e poemas por ele musicados.

Postumamente, em 1983 foi agraciado com o grau de Comendador da Ordem da Liberdade, seguindo-se em 1994 a agraciação com o grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique. Em Lisboa, a Escola Básica do 1º Ciclo da Rua Cidade Vila Cabral ostenta o seu nome.

É vasta a lista de músicos homenageados na toponímia lisboeta. De José Afonso, amigo e companheiro de viagem de Adriano, a Carlos Paredes ⁴, virtuoso da guitarra portuguesa, a cidade faz questão em imortalizar nos seus arruamentos os seus artistas, compositores e intérpretes.

No seguimento dessa tradição, a Câmara Municipal de Lisboa, por edital de 24/09/2009, prestou homenagem a Adriano Correia de Oliveira, figura ilustre da música popular portuguesa, pelo seu contributo para a cultura musical portuguesa e o seu empenhamento cívico na construção de um Portugal democrático, perpetuando o seu nome num arruamento da atual freguesia das Avenidas Novas.

(4) A Avenida Carlos Paredes existe em Lisboa desde a publicação do Edital de 06/10/2005.



BIBLIOGRAFIA

- Reis, M. (1999) *Adriano Presente!*, Vila Nova de Gaia: Ausência.
- Teles, V. (06/04/2000), “Semeador de amizades e de sonhos”, jornal *Grandamadora*.
- S.A. (28/02/2014), “Uma candeia na desgraça, no primeiro volume da coleção Canto&Autores”, jornal *Público*.

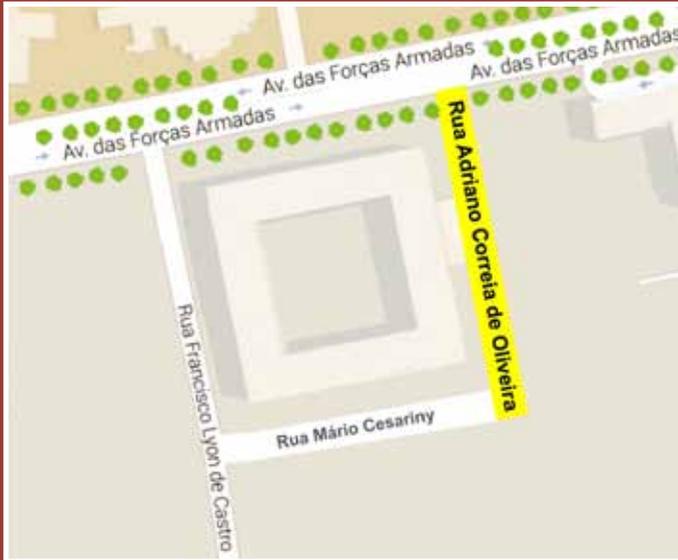


FICHA TÉCNICA

Edição | Câmara Municipal de Lisboa
Presidente | Fernando Medina
Pelouro da Cultura | Catarina Vaz Pinto
Direção Municipal de Cultura | Manuel Veiga
Departamento do Património Cultural | Jorge Ramos de Carvalho

Título | Adriano Correia de Oliveira
Textos | António Adriano
Design | Ernesto Matos
Tiragem | 250
Ano | 2016
Depósito Legal | 413617/16
Execução gráfica | Imprensa Municipal de Lisboa

RUA ADRIANO CORREIA DE OLIVEIRA



Ponto inicial sul
 $38^{\circ}44'47.7''\text{N } 9^{\circ}09'08.8''\text{W}$
38.746574, -9.152436

Ponto inicial norte
 $38^{\circ}44'51.4''\text{N } 9^{\circ}09'09.6''\text{W}$
38.747596, -9.152658



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

COMISSÃO
MUNICIPAL
DE TOPONÍMIA